

01/04/2016 - 05:00

A narrativa populista americana

Por **J. Bradford DeLong**

Não é preciso ter um ouvido muito acurado para decifrar os apitos para cães que estão sendo usados durante a campanha eleitoral deste ano nos EUA. Se você escutar, mesmo apenas um pouquinho, ficará sabendo que mexicanos e chineses estão colaborando com Wall Street para forjar acordos comerciais ruins que roubarão dos trabalhadores americanos seus legítimos empregos - e que os muçulmanos querem explodir todo mundo.

Todo esse estímulo ao medo é mais assustador do que a dose normal num ano eleitoral. Isso é assustador para as pessoas em outros países, que só podem concluir que os eleitores na única superpotência do mundo estão perigosamente amalucados. E é assustador para os americanos, que até recentemente acreditavam - ou, talvez, esperavam - estar vivendo em uma república baseada nas tradições estabelecidas por George Washington, Abraham Lincoln e Teddy e Franklin Roosevelt.

Mas o que é ainda mais inquietante é a realidade política que essa retórica reflete. Não pode haver comparação entre as críticas do candidato presidencial democrata Bernie Sanders, focada contra as políticas neoliberais, à fanfarronice incoerente de Donald Trump ou Ted Cruz no campo republicano. E, no entanto, tanto à direita como à esquerda, está emergindo uma narrativa comum - uma narrativa que busca explicar por que as rendas dos trabalhadores e da classe média americanas estagnaram durante a geração passada.

Não é a globalização a responsável pelo sofrimento dos americanos, mas os políticos mais focados em ideologia do que em aspectos pragmáticos e, portanto, dos cidadãos que os elegem, bem como daqueles que sequer se preocupam em votar

Infelizmente, essa narrativa, se usada como base para a formulação de políticas de governo, não beneficiará os EUA nem o resto do mundo; e o que é pior, ela ainda não foi seriamente contestada. Durante décadas, importantes políticos e intelectuais republicanos não demonstraram interesse em educar o povo americano sobre as realidades da política econômica. E Hillary Clinton, a democrata favorita, tem estado muito ocupada tentando defender-se dos ataques de Sanders.

Em termos gerais, a narrativa é mais ou menos a seguinte. Os salários da classe média e dos trabalhadores americanos estagnaram porque Wall Street pressionou as empresas a terceirizar os valiosos empregos que compunham a base industrial americana, primeiro entregando-os aos mexicanos que ganham baixos salários e, em seguida, aos chineses. Além disso, esse foi um esforço bipartidário, em que os dois partidos uniram-se em apoio à desregulamentação financeira e aos acordos comerciais que minaram a economia americana. Primeiro, o Acordo de Livre Comércio da América do Norte (Nafta) resultou em exportação, para o México, de empregos no setor de alta qualidade. Depois, os EUA estabeleceram relações comerciais normais e permanentes com a China e recusaram-se a atribuir aos chineses o rótulo de manipuladores da moeda.

A razão pela qual essa narrativa está errada é simples. Há boas razões para que os EUA adotassem políticas que incentivam os países mais pobres a crescer rapidamente por meio de industrialização impulsionada por exportações. Ao ajudar o México, a China e outros países em desenvolvimento a crescer, os EUA estão ganhando parceiros comerciais mais ricos. Além disso, há fortes argumentos no sentido de que a segurança nacional dos EUA será melhorada se, daqui a 50 anos, estudantes de todo o mundo souberem que os americanos ajudaram seus países a prosperar, em vez de tentar mantê-los tão pobres quanto possível durante o maior tempo possível.

Não foi a globalização que provocou a estagnação das rendas. O comércio com países como a China e o México é apenas um dos fatores que afetam a distribuição de renda nos EUA, e não é, absolutamente, o mais importante. A razão pela qual os rendimentos estagnaram é que os políticos americanos não conseguiram implementar políticas para administrar os efeitos da globalização.

Como Steve Cohen e eu discutimos em nosso livro "Concrete Economics" (economia concreta), a gestão macroeconômica exige que o governo faça o que sempre fez antes de 1980: adotar pragmaticamente políticas que promovam o crescimento equitativo.



Havia boas razões para que os EUA abandonassem setores de atividade que exigiam baixos salários para serem competitivos em nível mundial. Mas havia pouca razão para que os EUA abandonassem setores que se tornaram importantes "alavancadores de tecnologia". Também não existiam boas razões para muitas outras decisões errôneas, como permitir que o setor financeiro lucrasse convencendo os investidores a assumir riscos que não deveriam e permitindo que os operadores de planos de saúde lucrassem com a atividade de gerenciamento em vez de basear sua rentabilidade na prestação de

cuidados de saúde e no tratamento dos doentes. Outras más decisões incluem encarcerar 2% dos homens jovens do país e concluir que os problemas econômicos dos EUA seriam resolvidos se apenas os ricos pudessem conservar uma porção maior de seu dinheiro.

Não é difícil ver onde moram os culpados. Como aponta Mark Kleiman, do Marron Instituto, da NYU, a oposição ideológica rígida e obstinada do Partido Republicano à "tributação sobre os ricos destruiu, na prática, a base teórica que permite acreditar que o livre comércio beneficia a todos". É difícil argumentar em favor da redistribuição dos benefícios da globalização quando você acredita que o mercado canaliza os ganhos para quem os merece. E também é possível amenizar os efeitos dolorosos da globalização se você acredita que os programas de seguro social transformam seus beneficiários em letárgicos "proveitadores".

Não é a globalização, táticas inadequadas de negociação, os baixos salários dos trabalhadores mexicanos ou o chinês esperto demais o responsável pelos sofrimentos dos americanos. Em vez disso, a responsabilidade é dos políticos mais focados em ideologia do que em aspectos pragmáticos - e, portanto, dos cidadãos que os elegem, bem como daqueles que sequer preocupam-se em votar. **(Tradução de Sergio Blum)**

J. Bradford DeLong é professor de Economia da Universidade da Califórnia, campus de Berkeley, e pesquisador adjunto da Agência Nacional de Pesquisa Econômica. Copyright: Project Syndicate, 2016.

www.project-syndicate.org